

Fotos: Arquivo pessoal



Carolina Souza, 44: "Foi difícil, mas nos adaptamos"



Stefane Martins, 30, teme o trânsito pois já se acidentou



Gisely, 28: "Ser motogirl é desafio com sabor de liberdade"

preconceito com a idade, sexismo, assédio sexual e acidentes de trânsito são outros desafios enfrentados pelas motogirls. Carolina, por exemplo, entregadora do hospital Sírio Libanês e do iFood, descreve dois episódios marcantes.

"Uma vez, após usar o banheiro de um restaurante, a gerente brigou comigo, (disse) que não era mais permitido motoboy ali, porque o banheiro estava ficando imundo. Ela foi muito grosseira na frente de todo mundo, fiquei com tanta vergonha que eu queria entrar no buraco, me senti um lixo", compartilha, abalada. Outra situação desrespeitosa vivida por Carolina foi quando subiu em um apartamento para entregar o pedido, e o cliente não queria deixá-la ir embora.

"Quando ele viu que faltava algo no lanche, me chamou de ladra e trancou a porta, quase me bateu. Consegui sair, mas ele me puxou pelo casaco e me seguiu até a moto, gritando. Abri o baú e mostrei que não tinha nada lá, mas ele montou na moto e disse que eu não sairia. Então, tive que ligar para a polícia", expõe, indignada ao lembrar. Para ela, esses e outros episódios são frequentes pelo fato de ser mulher.

Gisely de Sousa, 28, também começou a trabalhar como entregadora do iFood na pandemia, após ser demitida do emprego com carteira assinada no comércio. Ela participa do coletivo desde a sua criação e, assim como Carolina, relata diversos desafios pela falta de infraestrutura, como espaços para encher a garrafa d'água e banheiros — um problema, principalmente, no período menstrual. "Foi bem difícil no

Minervino Júnior/CB/D.A Press



O grupo das Moto Brabas é um espaço seguro para troca de experiências entre as entregadoras

começo, mas, como não tem com quem mudar, nos adaptamos."

No momento, Gisely conta que sua maior dificuldade é conciliar a necessidade de sustento com a tarefa de criar a filha de um mês e meio. "Na gravidez, trabalhei até 12h por dia e tive uma moto roubada. Agora, deixar minha bebê para trabalhar corta meu coração, além das noites mal dormidas. No decorrer do dia, meus seios vazam e empedram, mas o que mais me dói é a saudade dela", compartilha.

Já Stefane Martins, 30, que escolheu a profissão em 2021 pela flexibilidade, após vencer um quadro de depressão e ansiedade,

acredita que o maior desafio é lidar com o trânsito: "Saio de casa pedindo a Deus que me proteja e me guarde por onde andar". Em 2023, ela diz que sofreu seu pior acidente de moto, ficando 44 dias sem poder trabalhar. Felizmente, ela superou o ocorrido com o apoio da esposa, que hoje a acompanha nas entregas.

## Convivência

Para as motogirls do Moto Brabas, o grupo não é só um meio que aproxima colegas de profissão, mas um ambiente seguro de troca de experiências. Quando uma

das integrantes se envolve em acidente de trânsito ou tem problemas com a moto, por exemplo, as outras costumam fazer uma rifa para ajudá-la na recuperação, seja da saúde, seja no conserto do instrumento de trabalho. Elas também mantêm o hábito de conversar sobre suas realidades de vida e de se reunirem no parque para um café da manhã coletivo.

"Não é só um grupo de motos, são mulheres que ajudam outras mulheres. Muitas vezes, me acalmei de crises de ansiedade conversando com as meninas de lá, são como uma família", percebe Gisely. Para Stefane, o Moto Brabas

é essencial para o crescimento das participantes: "Conversamos muito sobre vários aspectos e visões de futuro, estamos sempre ajudando umas às outras no que podemos. A união descreve o grupo."

## Liberdade

Para as mulheres do coletivo, o aspecto mais importante do trabalho é a autonomia, rompendo com a exclusiva associação da profissão aos homens. Carolina diz que pensa em deixar as entregas em razão do perigo no trânsito, mas não se vê fora do ramo pelo carinho com as colegas. "Não é pela profissão, porque não vou ficar rica com isso, mas pelo calor humano e pela união com as meninas, que são como irmãs", conta, emocionada.

Para Stefane, que tem o sonho de ingressar na carreira policial, ser motoqueira é um trabalho temporário, por meio do qual foi possível concluir a faculdade de gestão pública e, agora, permite que ela se dedique aos estudos para alcançar seu objetivo. "Sou muito elogiada por onde passo. Uma senhora, inclusive, perguntou onde comprei minha blusa do grupo", diverte-se.

Na visão de Gisely, ser motogirl significa força e resiliência: "Tenho orgulho de todas as mulheres que estão nessa profissão, mesmo sem o devido reconhecimento. Isso é muito mais do que só montar em uma moto e pilotar, é um desafio diário com sabor de liberdade."

\*Estagiária sob a supervisão de Marina Rodrigues